

## O meio ambiente está em debate: o jornalismo da revista *Amazônia S/A*<sup>1</sup>

Francielle Maria Modesto MENDES<sup>2</sup>  
Fernando Augusto dos SANTOS<sup>3</sup>

### Resumo

O presente artigo é parte dos estudos elaborados no projeto “Jornalismo Ambiental: a construção da notícia na Revista *Amazônia S/A*”, aprovado pelo Programa de Bolsas de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Acre – FAPAC. O *corpus* da pesquisa é formado por dezesseis textos extraídos das dez edições da revista *Amazônia S/A*, publicados entre os anos de 2011 e 2013. Para o estudo, levam-se em consideração os critérios de noticiabilidade, a escolha das fontes, a profundidade das informações divulgadas, apuração da notícia e pluralidade jornalística. O estudo busca contribuir para o diálogo entre jornalismo e meio ambiente como forma de proporcionar o debate no âmbito social e ambiental. Wilson da Costa Bueno, Ana Estela Pinto, Schirley Luft, Nilson Lage e Roberto Belmonte são alguns dos autores consultados para auxiliar na construção do trabalho.

**Palavras-chave:** Jornalismo; Meio Ambiente; Amazônia; Revista *Amazônia S/A*

A elaboração desse trabalho foi realizada durante o projeto de pesquisa “Jornalismo Ambiental: a construção da notícia na Revista *Amazônia S/A*”, através do Programa de Bolsas de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Acre – FAPAC e tem como propósito discutir como a revista *Amazônia S/A* apresenta a temática meio ambiente para a sociedade. Busca também analisar se a revista cumpre o papel de conscientizar e debater o tema em várias dimensões, tanto social quanto ambiental.

Para a elaboração desse trabalho, serão usados dezesseis textos de Meio Ambiente das dez edições da revista: “2011, o ano das florestas” e “Parque Nacional da Serra do Divisor, da 1ª edição; “Projeto Tamazon Vira Livro” e “AMA - Sustentabilidade, Moda e Cultura, 2ª edição; “Ecocídio, o 5º crime contra a paz” e “Usina hidrelétrica de Jirau - da discórdia à sustentabilidade”, 3ª edição; “Lucro sim! Mas consciente” e “Página Sustentável”, da 4ª edição; “As Amazônias da Cazumbá”, e “O que nos leva a agir com solidariedade”, da 5ª edição; “Sustentabilidade e Produção”, presente na editoria Economia

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup>Professora Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP) e Mestre em Letras pela Universidade Federal do Acre, onde atua como docente do curso de Comunicação Social/Jornalismo. Membro do grupo de pesquisa Amajor – Amazônia, Jornalismo e Meio Ambiente e coordenadora do projeto Jornalismo Ambiental: a construção da notícia na Revista *Amazônia S/A*, aprovado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Acre (FAPAC). Email: franciellemodesto@gmail.com

<sup>3</sup> Estudante do 6º período do Curso de Jornalismo, da Universidade Federal do Acre (UFAC). Bolsista do Projeto Jornalismo Ambiental: a construção da notícia na Revista *Amazônia S/A*, aprovado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Acre (FAPAC). Email: fernandoac.net@gmail.com

e Negócio da 6ª edição; “É recorde! É recorde!”, da editoria de Meio Ambiente da 7ª edição; “Play the call – O planeta está em jogo” e “Mudanças climáticas e a influência humana”, da 8ª edição; “Na contramão das atitudes sustentáveis: a obsolescência programada”, 9ª edição e “SOS Amazônia: Nascida para proteger a floresta”, da 10ª edição.

Criada pelos jornalistas Alan Rick e Mirla Miranda, a revista Amazônia S/A teve sua primeira edição publicada em junho de 2011. Em seu editorial, informa que é fonte de informação, cultura e vida na Amazônia. É veiculada no Acre e em Rondônia, estados da região amazônica brasileira. A escolha da revista se justifica pelo fato dela ser a única, até o primeiro semestre de 2014 – data do início do projeto, a trazer uma editoria de meio ambiente e assuntos relacionados ao tema.

Nesse sentido, o presente trabalho objetiva analisar como o veículo se posiciona frente às questões ambientais, verificar se as abordagens seguem os princípios básicos do jornalismo, como dar voz as diferentes classes sociais sem excluir o cidadão comum. Outro objetivo é discutir se as questões ambientais são esclarecedoras, se há profundidade e continuidade no debate ambiental e se o veículo cumpre o papel como meio de comunicação: informar e conscientizar a população do seu compromisso, apresentando a relevância dessas questões perante o meio que se vive.

Para melhor compreensão do assunto e embasamento da pesquisa, foram usados autores e estudiosos das interfaces jornalismo e meio ambiente como Wilson da Costa Bueno, Schirley Luft, Ricardo Noblat, Fabíola de Oliveira, Roberto Vilar Belmonte e Sérgio Vilas Boas.

A primeira edição, publicada em junho de 2011, apresentou a editoria de meio ambiente com a matéria “2011: O ano das florestas”. (AMAZÔNIA S/A nº 1, 2011, p.16). Escrita pelo biólogo Tiago Ranzi, o texto explica porque o ano de 2011 foi escolhido como o Ano Internacional das Florestas. Segundo a publicação, a escolha se deu em razão dos números alarmantes de perda de florestas no mundo e de sua importância para a manutenção da vida no planeta. Informa ainda que hoje existe pouco mais de 20 % da cobertura original de floresta em todo mundo.

A iniciativa da revista em ter uma editoria de meio ambiente e discorrer sobre a temática na região amazônica é uma forma de proporcionar o debate e fomentar a divulgação de informações ambientais. Porém, o texto é tratado de forma incipiente e superficial, sem aprofundamento. Ele apresenta dados, mas não são ouvidos especialistas. O

texto também não discorre sobre os impactos e as conseqüências que a destruição da natureza traz a vida da população.

Entre 2000 e 2010, perdeu-se anualmente cerca de treze milhões de hectares de florestas, que foram convertidos para diversos fins. Somente o Brasil, foi responsável por mais de 2, 6 milhões de hectares, grande parte na Amazônia. Da Mata Atlântica, restam aproximadamente 8% da cobertura original, sendo que a pressão sobre esse bioma é bastante significativa, pois abrange a área mais urbanizada do país (AMAZÔNIA S/A nº 1, 2011, p.16-17).

Ampliar o debate sobre o meio ambiente nas empresas de comunicação é um fator decisivo para a formação de uma “consciência coletiva”, conforme especifica Luft (2005), mesmo que os resultados só cheguem posteriormente. Ainda segundo a autora, a falta de políticas editoriais mais avançadas tem sido um entrave para produção e difusão das pautas ambientais através da imprensa. Assim, para evitá-las, o jornalista deve ter um preparo prévio, de forma a compreender mais o assunto que será abordado. Muito estudo e pesquisa sobre a área ambiental contribuirão para aumentar o conhecimento e o interesse.

Para Roberto Belmonte (2004), muitos jornalistas são simpatizantes da luta ecológica, apesar de a maioria não admitir publicamente para não sofrer represálias. O autor ressalta que o preconceito com temas ecológicos predomina nas redações: “o meio ambiente é pauta, mas em geral ocupa espaços periféricos e recebe uma abordagem exótica” (BELMONTE, 2004, p. 21-22). Essa abordagem exótica pode ser constatada na matéria Parque Nacional da Serra do Divisor:

Os dias quase sempre quentes e com sol garantem uma viagem tranquila. A lentidão da embarcação possibilita uma observação de detalhes inesperados como macacos barulhentos fazendo seu habitual arborismo, pássaros variados e nem sempre de fácil identificação, passagens de sucuris pelas margens e a presença marcante dos piuns. (AMAZÔNIA S/A nº 1, 2011, p.32)

Segundo o texto, a única cadeia de montanhas do estado apresenta o potencial ecoturístico que o mundo quer ver. Outro aspecto que deve ser levado em consideração são as falas de pessoas interessadas em explorar a região com ganhos econômicos, como a Secretária de Turismo e Lazer do Estado do Acre em 2011, Ilmara Lima: “Este é o roteiro e o ponto de atração turística que mais nos encanta. O Juruá é muito rico no ecoturismo” (AMAZÔNIA S/A nº 1, 2011, p.33). A seguir a fala da editora-chefe da revista, Mirla Miranda confirma a mesma intenção: “no circuito das cachoeiras, são mais de sete que

embelezam todo este lugar. O 5º maior Parque do Brasil tem belezas estonteantes e reserva a maior biodiversidade do planeta” (AMAZÔNIA S/A nº 1, 2011, p. 32).

Ainda na fala da secretária há uma tendência de exotizar o local: “temos a oportunidade de andar nessa beleza com nossa fauna e nossa flora. Quem visita a Serra do Divisor sai mais encantado em participar ativamente do meio ambiente” (AMAZÔNIA S/A nº 1, 2011, p.33).

“As Amazônias da Cazumbá – Expedição marca os 10 anos da Reserva Extrativista Cazumbá-Iracema”, publicada na 5º edição da revista, é outra matéria que apresenta a Amazônia com características exóticas, onde a fauna e a flora se sobressaem às pessoas que moram na região. O texto inicia informando que a reserva está localizada em Sena Madureira, distante cerca de 150 km de Rio Branco, capital do Acre. É a quinta maior reserva extrativista do país, afirma o texto.

Em comemoração aos 10 anos da reserva, Tiago Ranzi, autor do texto, aponta sua experiência em coordenar a expedição vídeo fotográfica intitulada “As Amazônias da Cazumbá”. Na publicação, o autor afirma que seu objetivo é “registrar as belezas naturais da Amazônia e a vida de quem mora na floresta” (AMAZÔNIA S/A nº 5, 2012, p.16). O texto apresenta, portanto, uma visão estereotipada e exótica da Amazônia, alimentada pela mídia nacional. Essa visão é confirmada pelo autor Belmonte (2004).

Ranzi relata que ao desembarcar, os visitantes puderam conhecer um pouco como é a vida na Amazônia. Os visitantes são o biólogo e *video maker* Ricardo Braun, os fotógrafos Rubens Matsushita e Aurelice Vasconcelos, além do analista ambiental do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), Luciano Malanski. Também fazia parte da equipe o seringueiro Aldeci Cerqueira Maia, conhecido como Nenzinho, líder comunitário da reserva. Apesar de citado, não há falas e sequer uma foto de Nenzinho. Segue trecho extraído da revista:

Logo ao desembarcar, os visitantes puderam conhecer um pouco como é a vida na Amazônia, tomando chuva, melando as botas de lama e sentindo as incômodas picadas de pium. Essa foi a primeira vez que uma equipe do ICMBio visitou a região dos lagos da Reserva. Lá aproveitamos para navegar de canoa com motor desligado, atentos aos sons e movimentos da rica fauna local na intenção de registrar a bela paisagem sob diversos olhares. Bandos de araras e periquitos, ciganas, garças, muitos jacarés, uma irara no alto da árvore, um porco do mato atravessando o rio e diversas espécies de macacos foram alguns dos registros feitos pela equipe (AMAZÔNIA S/A nº 5, 2012, p.16).

Conforme pontuado por Belmonte (2004), o exotismo é recorrente em muitos textos sobre meio ambiente. E, nesse caso, também é possível identificá-lo, supervaloriza-se a floresta e esquece-se das pessoas que vivem na reserva. Elas são postas em segundo plano e os personagens principais tornam-se a fauna e a flora da região.

A divulgação, a objetividade e a exploração dos temas ambientais constituem um conjunto de fatores primordiais para o exercício da democratização e da disseminação de novos conceitos ambientais para conscientizar e atingir um público. Por isso, Vilmar Berna (2008) diz que mais do que experiência com jornalismo para publicar textos, o autor deve comprometer-se para que o diálogo com o público leitor não se restrinja a superficialidade. Dessa forma, faz-se necessário compreender a possibilidade de “percepção que os diferentes públicos já possuem” (BERNA, 2008, p. 101).

A notícia ambiental, como em outras categorias do jornalismo (esporte, entretenimento, política etc), deve seguir os critérios de noticiabilidade a fim de garantir ao leitor a melhor absorção das informações possíveis. Alguns desses itens foram enumerados por estudiosos da área de comunicação como Ana Estela de Sousa Pinto, no livro *Jornalismo diário: reflexões, recomendações, dicas e exercícios*, que classificou como critérios de notícia, os seguintes pontos: “ineditismo, improbabilidade, utilidade, apelo, empatia, conflito, proeminência e oportunidade” (PINTO, 2009, p. 61).

Num veículo de comunicação, a seleção de pauta ambiental deve surgir a partir de fatos que afetam a população. A revista *Amazônia S/A* assume esse compromisso de trazer para a população assuntos relacionados ao tema. Porém, os temas debatidos fogem um pouco da realidade vivenciada na Amazônia. A publicação comete o equívoco de não apresentar problemas regionais e locais para discussão.

O objetivo maior a ser alcançado, com uma editoria em meio ambiente, é o de começar a incutir ou formar, no seio da sociedade, uma consciência crítica sobre essa problemática, bem como propiciar o surgimento de ideias e alternativas para a solução de problemas ambientais (UNGARETTI, 1998, p. 28-29 *apud* LUFT, 2005, p. 45-46).

Um equívoco cometido pelos jornalistas na cobertura de pautas ambientais é a ausência de pessoas comuns, que vivenciam a realidade dos fatos. É o caso da matéria “Sustentabilidade e Produção”, na editoria Economia e Negócio, da 6ª edição. O texto relata um ato do governo do Acre: a entrega de 364 máquinas para o aumento da produção agrícola e pesqueira para produtores que vivem nos 22 municípios acreanos, adquiridos de uma parceria do governo do Estado com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

A iniciativa do governo é plausível, porém a revista não ouve agricultores e produtores que serão beneficiados. Há falas do secretário de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar, Lourival Marques, do Presidente da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado do Acre, Assuero Veronez, do prefeito da capital acreana na época, Raimundo Angelim e do governador Tião Viana. Todos são fontes oficiais, mas o agricultor, o ribeirinho, o homem do campo, o produtor rural não são ouvidos.

Para cumprir o papel da pluralidade jornalística, a revista tinha que ouvir os agricultores para falar de como a iniciativa ajudaria na produção. Porém, essas vozes são silenciadas por fontes oficiais. Para a democratização do debate, o acesso à informação não deve priorizar grupos políticos e interesses econômicos.

Nesse contexto, Wilson da Costa Bueno afirma que “o jornalismo ambiental, como o saber ambiental, não é propriedade dos que detêm o monopólio da fala, mas deve estar umbilicalmente sintonizado com o pluralismo e a diversidade” (BUENO, 2007, p.111). Bueno ressalta que o jornalismo ambiental é, antes de tudo, jornalismo. Logo, “não pode ser utilizado como porta-voz de seguimentos da sociedade para legitimar poderes e privilégios” (BUENO, 2007, p. 14).

Na revista Amazônia S/A, as pautas de meio ambiente dão pouco destaque para o cidadão comum. Em algumas publicações, aparecem somente as vozes especializadas. Para a pesquisadora Schirley Luft (2005), o jornalismo projetado para a complexidade ganha novas dimensões e representa um espaço para a renovação do conhecimento.

Segundo a autora (LUFT, 2005), o profissional precisa estar habilitado para atuar nesse campo a partir de três eixos básicos: estar plenamente identificado com a cultura e compactuar com os anseios da comunidade na qual está inserido; ter plena capacidade intelectual para ampliar os significados dos fatos baseando-se no contexto local/regional e na inter-relação desses elementos com o cenário global; e saber compreender, respeitar e relatar a pluralidade de opiniões numa mesma reportagem. Esses são aspectos importantes para a humanização da informação.

De acordo com o pensamento citado acima, a falta de pluralidade jornalística e a identificação cultural do jornalista com todos os envolvidos nos impactos sociais e ambientais é encontrada na matéria “Usina Hidrelétrica de Jirau: da discórdia à sustentabilidade. A seguir, um trecho para exemplificar:

Considerada uma das mais importantes obras de infraestrutura do país, as hidrelétricas de Jirau e Santo Antônio, no Rio Madeira, em Rondônia,

geraram milhares de empregos e aquecimento da economia na região. Ambientalistas, porém, continuam temendo os impactos ambientais das obras marcadas por controvérsias até hoje. (AMAZÔNIA S/A nº 3, 2011, p. 40-44)

A matéria explica que os ganhos econômicos se sobrepõem aos impactos ambientais, conforme explicita o seguinte trecho: “De acordo com o Governo de Rondônia, a construção das usinas deve injetar ao todo, 42 bilhões na economia local, ao longo dos seis anos de sua construção” (AMAZÔNIA S/A nº 3, 2011, p. 44). E vai adiante quando o assunto é o crescimento econômico da região: “a economia de Rondônia, principalmente de Porto Velho, tem recebido incremento em todos os segmentos”, diz o empresário Aldenor Araújo, do Supermercado Araújo. (AMAZÔNIA S/A, nº 3, p.44, 2011).

Em outro trecho na mesma publicação, o Diretor Comercial da Concessionária Vila Pinheiro Leandro Quintiliano afirma que “outra consequência das obras da usina é o recorde de emplacamentos de veículos novos. Esses são os sintomas do que já é chamado ‘efeito usina’ pelos moradores” (AMAZÔNIA S/A, nº 3, p. 44, 2011). Porém, a revista não ouviu comunidades que serão atingidas pela construção da hidrelétrica e nem traz para o debate os impactos sociais que a construção da usina provoca na região.

Na construção de um empreendimento desse porte, existem também os impactos indiretos como perdas de laços comunitários, migração para outros locais, separação de comunidades e famílias, destruição de igrejas, capelas e inundação de locais sagrados para comunidades indígenas e tradicionais. Na área ambiental, alagamento de áreas de floresta, diminuição da fauna, desaparecimento de animais e migração para outros locais são fortes impactos que comprometem a biodiversidade da região.

As abordagens superficiais das questões ambientais e o meio ambiente como alternativa de lucro pode ser constatada em várias reportagens ao longo da revista, caso do “Projeto Tamazon vira livro”, publicado na segunda edição. O projeto consiste em combater a extinção de tartarugas e tracajás na Amazônia.

A iniciativa, segundo o texto, é do pecuarista Valmir Gomes, que há dezesseis anos se comprometeu em criar os quelônios em razão da extinção desses animais. Segundo a publicação, Gomes não se conformava em cruzar os braços enquanto os quelônios desapareciam do Rio Acre. Destaca ainda que o pecuarista é engajado nas causas ambientais e hoje tem uma parceria com o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (IBAMA).

A matéria enfatiza a boa ação e as contribuições sociais e ambientais do projeto. Porém, não leva em consideração o fato de ele ser pecuarista, o que é contraditório. Cita-se também que o projeto Tamazon é uma parceria com ribeirinhos, comunidades indígenas e seringueiros. Mas em nenhum momento essas pessoas aparecem pra contrapor ou afirmar a viabilidade do projeto falando se realmente são beneficiados.

No trecho a seguir, constata-se que os objetivos da criação de quelônios giram em torno dos ganhos econômicos: “O Projeto Tamazon, de criação comercial de quelônios, foi criado em 1995 como forma de agregar uma nova atividade produtiva àquelas já conduzidas na propriedade, como a piscicultura e agropecuária” (AMAZÔNIA S/A, nº 2, 2011, p.31).

Numa das falas, percebe-se a incoerência e a contradição do senhor Valmir Ribeiro: “vou continuar buscando os meios para que nossos filhos e netos tenham a oportunidade de ver as tartarugas pelos rios e ainda poder – na coerência da preservação - experimentar essa iguaria consumida por nossos antepassados” (AMAZÔNIA S/A, nº 2, 2011, p.31). Tal afirmação pode levar o leitor a se perguntar quais as reais intenções do projeto, já que o criador quer criar os animais para oferecer como iguaria.

### **Decisões de pautas ambientais**

Um dos principais ensinamentos do jornalismo é de que para apurar bem o jornalista deve-se ir atrás dos fatos, investigar, ouvir os dois lados envolvidos e checar qualquer informação antes de divulgá-la. No jornalismo ambiental não é diferente. Para Nilson Lage (2006), o repórter está onde o leitor, ouvinte ou telespectador não pode estar. Ele acrescenta que o repórter como testemunha assume o papel de interligar informações através do jornalismo.

É por meio do jornalismo que a informação circula. A informação torna-se, portanto, matéria-prima fundamental e o jornalista um tradutor de discursos, já que cada especialidade tem jargão próprio e desenvolve seu próprio esquema de pensamento. Diante dessa situação, o repórter assume a missão de tradutor da fala do especialista através de uma linguagem de fácil entendimento a todos os públicos.

### **Meio ambiente não é apenas fauna e flora**

Para André Trigueiro (2003), a falta de preparo dos jornalistas se revela num falso entendimento de que meio ambiente é sinônimo de fauna e flora. Segundo o jornalista, os



valores da sustentabilidade alcançam indistintamente todas as áreas do conhecimento, privilegiando os esforços na direção de um novo projeto de desenvolvimento, que incorpore uma relação de equilíbrio com a natureza e a justiça social. Os conceitos citados por Trigueiro estão ausentes na matéria “AMA – Sustentabilidade, Moda e Cultura”, na 2ª edição da revista. Segundo o texto, o projeto do estilista Waldemar Iódice garante melhoria da renda e qualidade de vida para os moradores da floresta através de capacitação de couro sintético e bijoias.

A angulação dada à matéria é uma estratégia de usar a floresta através do conceito de sustentabilidade em prol dos ganhos econômicos. Os moradores da floresta, fonte da matéria-prima para fabricação desses produtos por uma grande empresa, são silenciados e não aparecem.

Compreender que o meio ambiente perpassa o conceito de fauna e flora e reconhecer a complexidade do meio que está inserido é fundamental para a implementação do desenvolvimento sustentável, já que este se apresenta como um meio interdisciplinar.

### **O fazer ambiental em prol da consciência pública**

Apesar da defesa que a revista faz a interesses de grupos econômicos, o veículo apresenta alternativas que buscam desencadear mudanças de comportamento e conscientizar a sociedade a repensar suas atitudes. Na iniciativa de cooperar com a mudança de hábitos e desenvolver atitudes frente às questões ambientais, a revista apresentou na quarta edição a coluna “Página Sustentável”, que enumera dicas para a população ter uma vida mais sustentável e com menos desperdícios.

Sugestões como “Use somente pilhas e baterias recarregáveis”, “Utilize uma sacola para as compras”, “Reduza o uso de embalagens”, “Compre papel reciclado”, (AMAZÔNIA S/A, n° 4, 2012, p. 92-93) são dadas aos leitores. Cada fala segue de um parágrafo explicativo. Essa é uma iniciativa que pode ser interpretada como papel de conscientizar o leitor e mostrar pequenas atitudes diárias que geram economia para as pessoas e para o planeta. Porém, a página não teve continuidade nas edições posteriores.

Numa análise que leva em consideração a responsabilidade sócio-ambiental a revista se atenta em apresentar a seguinte matéria intitulada: “*Play the Call* – o planeta está em jogo”, publicado na oitava edição. O aplicativo é uma plataforma on-line e interativa que

tem como princípio mudar o mundo ao seu redor de forma “rápida, divertida e gratuita” como define Edgar Gouveia, criador do jogo.

Portanto, o segredo para mudar o mundo está em transformar essas vontades, conhecimentos, habilidades e contatos, em ação. E isso implica em cada um sair da sua zona de conforto e pôr a mão na massa. Existe algo que você gostaria de mudar na sua rua, no seu bairro ou na sua cidade? E como você pensa que poderia transformar essa realidade para melhor? Tem alguma ideia de solução? Então não espere alguém fazer por você. Desafie-se. Desafie seus vizinhos. Desafie seus amigos. Para mudar o mundo temos primeiro que cuidar da nossa casa. Isto é, pensar globalmente e agir localmente. (AMAZÔNIA S/A nº 8, 2013, p.20).

Um texto relevante para o debate e conscientização ambiental foi encontrado na edição nº 9: “Na contramão das atitudes sustentáveis: a obsolescência programada”. O autor inicia a narrativa explicando o conceito do tema apresentado:

Obsolescência programada é um conceito que preconiza diminuir a vida útil de um produto para ‘forçar’ o consumo de versões mais recentes ou modernas, estimulando assim o consumismo, descartando, com isso, o conserto (AMAZÔNIA S/A nº 9, 2013, p.6).

Ele ainda exemplifica dizendo que o produto mais ilustrativo dessa prática foi a lâmpada. Por volta de 1920, uma lâmpada durava mais de 2500 horas. Percebendo, “nesse caso, que as vendas seriam bem menores dada a elevada durabilidade do produto, os fabricantes rapidamente tratam de dar vida útil bem baixa a esse produto. Pouco tempo depois, o ciclo de vida desse produto caía para menos de 1000 horas” (AMAZÔNIA S/A nº 9, 2013, p.6).

Trazer para o debate o tema da “obsolescência programada” é válido, mas o autor do texto trata com superficialidade. No exercício jornalístico, apresentar soluções e idéias para o leitor se conscientizar da durabilidade do produto e o reaproveitamento daquele material seria a iniciativa mais adequada. Como sugestão para aproximar o leitor do assunto, o autor poderia destacar questões de desenvolvimento sustentável dentro do sistema capitalista como, por exemplo, o reaproveitamento de materiais eletroeletrônicos, roupas, economia de energia, entre outros.

De acordo com Vilmar Berna (2008), mais do que experiência com jornalismo para publicar textos, o autor deve comprometer-se para que o diálogo com o público leitor não se restrinja a superficialidade. Dessa forma, faz-se necessário compreender a possibilidade de “percepção que os diferentes públicos já possuem” (BERNA, 2008, p. 101).

## **O cuidado com a notícia ambiental**

Notícias ligadas a catástrofes naturais, alagação ou outras que ganham proporções nos veículos de comunicação devem ser tratadas com cuidado para não assustar e causar pânico a população. Ao tomar conhecimento do assunto e antes de começar a divulgação, algumas providências devem ser tomadas pelo jornalista e pela equipe do veículo:

- Reunir o máximo de informações sobre o assunto é o primeiro passo a ser feito pelo jornalista. No caso de enchente, devem-se consultar autoridades para saber quais procedimentos serão tomados. Isso pode incluir a Defesa Civil do município, Corpo de Bombeiros e órgãos ambientais. Considerando o fato de uma notícia desse segmento causar medo na população, o jornalista deve esclarecer quais procedimentos serão tomados e noticiar o fato de forma que a população fique esclarecida e o medo não predomine.
- Escolher o especialista que falará em nome do órgão e sobre o assunto. Isso deixará a população segura e evita especulações, que podem ganhar proporções alarmantes para os moradores do local atingido. É recomendável que esse porta-voz seja qualificado e esteja a par do assunto.
- É importante o repórter estar presente no local dos acontecimentos. Se for um fato que já está acontecendo (no caso de uma alagação), é importante manter a população informada constantemente. Se for necessária a remoção de pessoas das áreas de risco, deve-se informar com precisão. Essas informações também podem ajudar outras famílias que moram próximo ao local.
- Um cuidado a ser tomado pelo jornalista nessa situação é a apuração e checagem dos fatos. Em tempos de redes sociais e agilidade da internet, a pressa e o excesso de informações podem ser uma armadilha. Notícias falsas podem começar a circular nas redes sociais e deixar a população assustada. Cabe ao repórter imediatamente entrar em contato com as fontes oficiais e os demais envolvidos para esclarecer os fatos.

## **Ambientalês**

Na elaboração de uma pauta ambiental, o repórter deve ter uma visão multidisciplinar e ter consciência do perfil do seu público. Assim, uma reportagem deverá ter uma linguagem clara. O jornalista assume a missão de traduzir o “ambientalês” dos especialistas (autoridades, secretários de estado, engenheiros ambientais), que na maioria das vezes se utilizam de uma linguagem rebuscada e podem deixar dúvidas para o público.

O comunicador assume o compromisso de informar desde o letrado ao agricultor, do empresário ao pescador, do biólogo ao seringueiro, evitando o que o autor chama de “lattelização das fontes” (BUENO, 2008, p. 113). É preciso incluir todos os povos na disseminação do discurso. Assim, o jornalista estará exercendo a pluralidade jornalística, atingindo todas as classes econômicas e sociais.

O jornalista Roberto Belmonte (2004) afirma que a imprensa cumpre sem problemas seu papel de informar, embora costume assustar a população. Mas diante da crise ecológica, a imprensa também precisa assumir a responsabilidade de educar e transformar. Para ele, o jornalismo ambiental não pode ser apenas informativo, tem de está engajado em um modelo de vida sustentável.

A autora Schirley Luft, dentro da ideia de jornalismo preventivo, afirma que o jornalismo de meio ambiente “não se restringe apenas ao papel de informar sobre avanços científicos e tecnológicos, mas deve, sobretudo, assumir um caráter educativo que possa contribuir para os avanços na sociedade” (LUFT, 2005, p. 58).

Nesse contexto, na 10ª edição, em comemoração aos 25 anos da criação da Ong “S.O.S Amazônia”, a revista apresenta o texto “S.O.S Amazônia – Nascida para proteger a floresta”, que conta a história da instituição e a política de preservação do meio ambiente adotado por ela. Além de exibir uma entrevista com Miguel Scarcello, sócio fundador da ONG.

A escolha da pauta é válida por exemplificar aos leitores o trabalho de uma organização não governamental com o meio ambiente e esclarecer as atividades realizadas. O texto esclarece ao leitor como a ONG atua, aponta as dificuldades encontradas para conseguir recursos e mostra os avanços e trabalhos realizados, como o projeto “Quelônios do Juruá: Eu Protejo”, que cuida de tartarugas na região amazônica.

## Considerações Finais

A partir dos textos estudados, percebe-se que o tema ambiental ainda é tratado de forma esmaecida e, em sua maioria, por especialistas. O cidadão comum é colocado em segundo plano e, apesar de citado em alguns momentos, não tem sua fala publicada na revista *Amazônia S/A*.

O veículo segue alguns critérios de noticiabilidade, desde que eles estejam relacionados com seus interesses e o de grupos econômicos vinculados à revista, caso da matéria sobre a Plasacre. Assuntos como as alagações anuais são substituídos por outros sem ligação aparente com a região, como o exemplo da matéria que fala sobre o derretimento das calotas polares.

A pesquisa propiciou ainda a observação de que a linguagem e o enquadramento dado aos textos podem ser fatores complicadores no entendimento do público. Cabe ao jornalista, fazer as adaptações linguísticas necessárias. Assim como, aprofundar o trabalho para não limitar as pautas ambientais a catástrofes e questões sobre fauna/flora na Amazônia. Mesmo ainda apresentando problemas na prática do jornalismo ambiental, a revista *Amazônia S/A* faz um trabalho relevante no Acre pela tentativa de problematizar questões sobre meio ambiente que até então não eram debatidas pelo grande público no estado.

## Referências Bibliográficas

**AMA: Sustentabilidade, moda e cultura.** Revista *Amazônia S/A*. Ano 1, nº 2, p. 98-100, 2011.

BELMONTE, Roberto Villar. Cidades em mutação: menos catástrofes e mais ecojornalismo. In: BOAS, Sergio Vilas (org). **Formação & Informação Ambiental: jornalismo para iniciados e leigos.** São Paulo: Summus, 2004.

BERNA, Vilmar. Desafios para comunicação ambiental. In: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; SCWAAB, Reges Toni. **Jornalismo Ambiental: desafios e reflexões.** Porto Alegre: Editora Dom Quixote, 2008.

BOAS, Sergio Vilas. **Formação e Informação Ambiental: Jornalismo para iniciados e leigos.** São Paulo: Summus, 2004.

BROWN, Foster. **Mudanças climáticas e a influência humana.** Revista *Amazônia S/A*. Ano 3, nº 6, p. 62-63, Junho de 2012.

BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação, jornalismo e meio ambiente**. São Paulo: Mojoara Editorial, 2007.

COSTA, Alexandre. **É recorde! É recorde**. Revista Amazônia S/A. Ano 2, nº 7, p. 71-75, Setembro/Outubro de 2012.

**ECO NEGÓCIO**. Revista Amazônia S/A. Ano 2, nº 4, p. 30-35, Janeiro/Fevereiro de 2012.

EDUARDO, Marcus. **Na contramão das atitudes sustentáveis: a obsolescência programada**. Revista Amazônia S/A. Ano 3, nº 9, p. 6-7, Março/Abril de 2013.

ERBOLATO, Mario. **Técnicas de Codificação em Jornalismo**. 5ª edição. São Paulo: Ática, 2006.

OLIVEIRA, Fabiola de. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto, 2007.

JURUÁ, Thiago. **SOS Amazônia: nascida para proteger a floresta**. Revista Amazônia S/A. Ano 3, nº 10, p. 6-14, 2013.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e reportagem jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

LUFT, Schirley. **Jornalismo, Meio Ambiente e Amazônia: os desmatamentos nos jornais O Liberal do Pará e A Crítica do Amazonas**. São Paulo: Annablume, 2005.

MIRANDA, Mirla. **Parque Nacional da Serra do Divisor**. Revista Amazônia. S/A. Ano 1, nº 1, p.31-34, 2011.

**PÁGINA SUSTENTÁVEL**. Revista Amazônia S/A. Ano 2, nº 4, p.92-93, Janeiro/Fevereiro, 2012.

**PARQUE NACIONAL DA SERRA DO DIVISOR**. Revista Amazônia S/A. Ano 1, nº1, p.32, Junho/Julho, 2011.

PINTO, Ana Estela de Sousa. **Jornalismo diário: reflexões, recomendações, dicas, exercícios**. São Paulo, 2009.

**PLAY THE CALL – O PLANETA ESTÁ EM JOGO**. Revista Amazônia S/A. Ano 3, nº8, p.18-20, 2013.

PROJETO TAMAZON VIRA LIVRO. Revista Amazônia S/A. Ano 1, nº 2, p. 28-31, 2011.

RANZI, Tiago Juruá Damo. **ECOCÍDIO, O 5º CRIME CONTRA A PAZ**. Revista Amazônia S/A. Ano 1, nº 2, p. 98-100, 2011.

RANZI, Tiago Juruá Damo. **2011, o ano das florestas**. Revista Amazônia. S/A. Ano 1, nº1, p.16-17, 2011.

**RANZI, Tiago Juruá Damo. As Amazônias da Cazumbá – Expedição marca os 10 anos da reserva extrativista Cazumbá-Iracema.** Revista amazônia s/a. ano 2, nº 5, p. 14-15. 2012.

**TRIGUEIRO, André (org). Meio Ambiente no século 21: especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento.** Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

**USINA HIDRELÉTRICA DE JIRAU: DA DISCÓRDIA À SUSTENTABILIDADE.** Revista Amazônia S/A. Ano 1, nº 3, p.40-44, 2011.

**ZÍLIO, Andréa. O que nos leva a agir com solidariedade?** Revista Amazônia S/A. Ano 2, nº 7, p. 27-31,2012.